



PSICOLOGIA
Sandplay

Renata Whitaker Horschutz

A Herança Psíquica

Este artigo aborda a herança psíquica — legados familiares transmitidos de geração em geração, de natureza religiosa, moral e cultural, encarados como verdadeiros Karmas familiares. Convida a uma reflexão sobre o “fantasma familiar” que, transformado, resolve o impasse da geração presente e projeta um novo passo, importante tanto para a vida pessoal, familiar e social, assim como para a herança das futuras gerações.



Trabalho realizado por Renata Whitaker Horschutz e publicado nos Cadernos Junguianos No. 5 –2009, Revista Anual da Associação Junguiana do Brasil, São Paulo, Ferrari-Editora e Artes Gráficas LTDA, São Paulo

Sinopse: Este artigo aborda a herança psíquica—legados familiares transmitidos de geração em geração, de natureza religiosa, moral e cultural, encarados como verdadeiros Karmas familiares. Convida a uma reflexão sobre o “fantasma familiar” que, transformado, resolve o impasse da geração presente e projeta um novo passo, importante tanto para a vida pessoal, familiar e social, assim como para a herança das futuras gerações.

Palavras-chave: herança psíquica, gerações, fantasma familiar, história, individuação.

The psychological heritage

Abstract: This paper studies the psychological heritage – family legacies that are transmitted from generation to generation, of a religious, moral and cultural nature, regarded as real family karmas. Brings forth a reflection on this subject — the “family ghost” — that after being transformed, solve the impasse of the present generation and designs a new stage, important either for their personal, family, and social lives or as a heritage for the future generations.

Key words: psychological heritage, generations, family ghost, history, individuation

La Herencia Psíquica

Resumen: Este artículo aborda la herencia psíquica – los conocimientos transmitidos de generación a generación, de naturaleza religiosa, moral y cultural, que son vistos como verdaderos karmas familiares. Invita a una reflexión acerca del tema, o sea, acerca del “fantasma familiar” que transformado, soluciona el impasse de la presente generación y proyecta hace a un nuevo paso, importante tanto para la vida personal, familiar y social como para la herencia de las futuras generaciones.

Palabras clave: herencia psíquica, generaciones, fantasma familiar, historia, individuación.

“Quanto menos compreendermos o que nossos pais e avós procuraram, tanto menos compreenderemos a nós mesmos”.

(C. G. Jung, Memórias...
Rio de Janeiro, 1989, p. 210).

Todo psicoterapeuta está acostumado a lidar com histórias. Ao se apresentar para a análise, cada analisando traz sua história pessoal, e esta, propriamente falando, é a sua identidade ou, ao menos, aquela que ele se atribui. Porém, a progressão da análise vai, pouco a pouco, mostrando que muito da história que o analisando conta ao seu terapeuta dificilmente encontra causas ou motivações na curta vida daquela pessoa. Muitas síndromes, concepções e fenômenos parecem ultrapassar ou anteceder a vida individual, colocando-se antes ou até muito antes de seu nascimento. Seríamos tentados, então, a pensar no célebre “Karma” fatalista, afirmado por muitas religiões. Ou, então, no “fantasma familiar”, que persegue inúmeras gerações de uma família. Esse fantasma habita nos porões ou nos sótãos do inconsciente familiar, até que algum dia um de seus membros resolva enfrentá-lo, desmascará-lo e despotencializá-lo. Este processo, alcançado através da tomada de consciência, e sua conseqüente liberação de energia, tornam possível a libertação e a autonomia das futuras gerações, então aptas a dar novos passos, trazendo novas possibilidades para sua história, tanto em seu aspecto pessoal como em relação ao coletivo.

O “fantasma familiar” que, transformado, resolve o impasse da geração presente e projeta um novo passo, importante tanto para a vida pessoal, familiar e social, assim como para a herança das futuras gerações.

Muitas vezes os membros das mais recentes gerações não conseguem discernir nem compreender as imposições de suas famílias, e acabam por agir segundo a tradição e crenças de seus antepassados. Por outro lado, paradoxalmente, sabemos que quanto mais inconsciente for o motivo, mais poderoso ele se tornará, podendo reprimir, ou mesmo anular,

a identidade e projetos de vida de seus depositários, que acabam perdidos em meio a alegorias e signos incompreensíveis, impossibilitados de recuperar a memória de si mesmos.

A transmissão psíquica ocorre em qualquer ser humano independente de sexo, cultura e meio social a que pertence. O passado marca, tanto para o bem como para o mal, o presente de uma pessoa, e isso atravessa as gerações, todas elas marcadas pela presença do “fantasma familiar”. A vida particular de uma pessoa pode se tornar inteiramente alienada pela interdependência psíquica, pois ela pode, de fato, ser a reprodução programada e automática de várias histórias de familiares que vieram antes dela. São muitas as experiências de vida que cooperam para a construção de uma história de vida: algumas histórias são cheias de segredo, outras são indizíveis, cheias de emoção, culpas, mentiras, silêncios, desejos e esperanças.

A esperança é um movimento que impele o ser humano para o futuro, na tentativa de resgatar o passado, resgatar o originário que não foi possível viver, formar ou integrar. Vista dessa maneira, a esperança é recordar, recuperar a memória, como se a pessoa quisesse transformar seu passado em possibilidade futura, resgatando o que não foi possível realizar. Quando recuperamos a memória, começamos a cultivar o que nela se encontra e, conseqüentemente, passamos a refletir, a colocar a vida numa narrativa. Isso é importante para dar sentido às coisas vividas, às alegrias e às dores e, desse modo, elaborá-las, entrando em sintonia com possibilidade de vir a ser, ou seja, ser o que realmente somos, ser a nossa essência original. Dessa forma, surge o sentimento de gratidão e de satisfação pelo que se é, gratidão pelas próprias raízes genealógicas, por todos aqueles que nos constituíram como ser humano.

A linha genealógica mostra como cada ser humano pertence a um mundo que lhe é preexistente. Esse mundo anterior pode determinar toda a sua existência, tanto positiva como negativamente. Nesse caso, ele pode simplesmente reproduzir uma identidade transferida, e não a sua identidade própria. Isso acontece quando a pessoa não consegue romper com a influência inconsciente dos antepassados, a fim de recriar sua própria experiência de viver no mundo que lhe é oferecido.

Os pais ao terem uma obstinada esperança de uma vida melhor para seus descendentes, em vez de se fixarem nas dificuldades e dores vividas, acentuam a possibilidade de qualidade de vida para os filhos e para a vida de todos que os cercam. Os pais pensam que, desse modo, ajudaram a mudar as futuras gerações. Todavia, querer a perfeição para os filhos, desejar que eles sejam e vivam tudo que eles, como pais, gostariam de ter sido e vivido, é, na verdade, apossar-se da vida dos filhos, não lhes deixando a possibilidade de serem e de fazerem suas próprias escolhas.

Aparentemente incondicional e irrestrito, o amor dos pais que querem que os filhos sejam perfeitos e realizem o que eles não conseguiram realizar é na verdade uma forma de se imortalizarem através de sua prole. Esse pretensioso amor é, na verdade, um egocentrismo infantil exacerbado, que aprisiona os filhos, através dos quais, no fundo, eles desejam ser amados e envaidecidos. Trata-se, propriamente, de uma manipulação “com boas intenções”, pois eles transferem seus próprios destinos para os filhos, impondo-lhes um fardo que os impedirá de ter sua identidade própria. E convém notar que a palavra pais, usada neste texto, refere-se ao pai e à mãe, porque herdamos a influência psíquica dos dois. Assim, só conseguiremos realizar nossa própria história quando conseguirmos realizar conscientemente uma síntese da história familiar que recebemos.

Em sua autobiografia, publicada postumamente, Jung dizia que dar um passo além do que seus pais já viveram custa sangue. Sem dúvida, porque custará muito o difícil trabalho de conscientização, discernimento e vontade de transformar. Contudo, mesmo tendo já conquistado certo desenvolvimento, muitas vezes nos flagramos repetindo falas, atitudes, ações e reações de nossos pais. Com efeito, mudar hábitos profundamente arraigados durante gerações não é fácil. A transmissão psíquica ocorre por apropriação da vida do outro, abrindo espaço para as identificações e repetições. Caso o filho não consiga discernir entre seus próprios desejos e os desejos dos pais, acabará seguindo a trajetória inconscientemente predeterminada por seus progenitores. Isso poderá lhe custar o sacrifício de sua existência inteira. Ou acarretar o desenvolvimento de uma existência dupla e/ou alternada, em que uma delas será apenas fictícia, ou seja, puramente representada, uma espécie de “esquizofrenia consciente”. Uma estaria voltada para o próprio indivíduo, e a outra representaria uma acomodação a uma corrente à qual ele é sujeitado involuntariamente.

Por vezes, essa transmissão é resultado de um sentimento de ódio egocêntrico: os pais atribuem ao filho tudo que não aceitam em si próprios. Ou o filho é odiado por ser diferente do que os pais gostariam; ele “traí”, por assim dizer, o desejo onipotente deles. Como não há espaço para a criança desenvolver sua identidade própria e livre do poder alienante do egocentrismo dos pais, ela pode acabar inteiramente submissa a eles, realizando uma história que não é a sua. Em geral, essa alienação gera uma atitude de indiferença diante da vida, devida à ausência de auto-reconhecimento, pois o indivíduo passa, de fato, a viver vicariamente uma vida que é apenas representação da vida de outra pessoa. Os indianos costumam dizer que “é melhor viver mal o próprio Karma (ou seja, o próprio destino ou a própria história) do que viver com perfeição um Karma alheio”. Sem dúvida: a pessoa só se sente realizada e à vontade quando está dentro de sua própria casa, ou seja, quando é ela mesma.

Há muitas histórias de vida em que os pais não conseguem amar os filhos sem deles se apoderarem, incapazes de reconhecer a individualidade e a liberdade dos filhos, o que os leva a odiá-los ou a sujeitá-los à sua própria história, dominada pelo ódio. Ao mesmo tempo, assistimos ao processo doloroso e violento dos filhos, na tentativa de se libertarem da identificação e da dependência em relação às figuras parentais. Esse processo heróico permitir-lhes-á reconstruir histórias de vida, desvinculando-se do passado e libertando seu próprio desejo do sufocante desejo parental. Quando a pessoa fica aprisionada na história e nos desejos de seus antepassados, fica também impossibilitada de recuperar a memória de si mesma, de seu próprio projeto de vida, daquilo que ela realmente veio realizar nesta existência. Sua identidade é anulada, e sua vida perde o significado e o sentido.

É fato que todos estamos sobre os ombros dos nossos antepassados, e que as escolhas deles tornaram possíveis a realidade de nossa vida. Somos parte de uma herança sagrada, e isso nos dá o senso de pertença, que é sumamente importante para o desenvolvimento saudável do psiquismo humano, pois é ele que gera sentimentos de segurança diante das dificuldades. Porém, uma herança negativa pode causar efeito terrível em nossa vida, tanto no campo emocional como no profissional, no núcleo familiar e nas relações sociais. Precisamos enfrentar nossos medos, transformando-os em esperança de um futuro melhor, restabelecer nossa ligação com o passado, despertando a memória da vida dos

antepassados, que são as raízes que sustentam nosso senso de continuidade. Essa memória das raízes produz o discernimento do que é útil e do que é prejudicial, ajudando-nos a ficar livres para fazermos a opção do que queremos que continue em nós e para o futuro.

Na obra Fausto, de Goethe, podemos ler: “Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”. Devemos conquistar conscientemente tudo o que nos foi dado inconscientemente. O que nos fortalece ajuda-nos a romper com os padrões negativos, a fim de termos esperança em relação ao futuro e realizarmos ações concretas para transformar o que nos prejudica e nos impede de ser nós mesmos. Desse modo, nossa vida beneficiará os que vierem depois. Precisamos lutar conscientemente, a fim de deixarmos de herança para nossos filhos nossa mais elevada esperança. Eles poderão, assim, passar a esperança adiante, para as próximas gerações, contribuindo para a evolução do mundo, através da força das gerações. O essencial, porém, é conquistar a consciência e, para isso, é preciso conhecer os segredos e os fantasmas das famílias. Uma vez revelados, eles poderão ser exorcizados.

O passado não pode ser mudado, sem dúvida. Mas podemos optar por reprimi-lo, ou por conhecê-lo e utilizar esse conhecimento para transformar o futuro. Quando nos libertamos de nossos padrões ancestrais, curamos nossa árvore genealógica e, desse modo, ela se revitalizará e se tornará mais valorosa e bela. As maiores sombras nas famílias são geradas pelos segredos e pelas mentiras que geram culpa, vergonha e ressentimento. O que não é dito, não percebido, não visto, não terminado, e o que é subliminar sempre influencia nossa vida muito mais que o esclarecido e o sabido. Ainda que seja algo terrível, a verdade é sempre o melhor caminho, pois, segundo o Evangelho, “a verdade liberta” (João 8,32).

Sendo um elo entre seus antepassados e as futuras gerações, um bebê necessita ser acolhido, para que possa encontrar seu lugar no mundo. Safra (2004) aponta três situações com as quais o bebê pode se defrontar ainda no berço: uma missão, um enigma ou uma questão. Na situação de missão, espera-se que a criança cumpra um destino ou termine um projeto, já estabelecidos antes de seu nascimento. Em tal situação, é muito difícil que, enquanto indivíduo, ele consiga seguir o caminho de sua essência. No caso de enigma, a pessoa defronta-se com uma lacuna em sua vida, um mistério propositalmente ocultado, por

se tratar de algo indizível e impensável. Para poder se apoderar de seu destino, este indivíduo necessita que alguém lhe conte a história completa, lhe revele o momento em que a interrupção ou lacuna aconteceu. Apenas a memória permitirá que a pessoa reconstitua sua história. A questão surge quando o ambiente familiar em que a criança nasce observa, pondera e questiona o que era pensado e vivido pelos antepassados. Tal situação permite que a pessoa reflita e escolha a direção a seguir, apesar de ela nunca ser respondida. As questões e suas maneiras de resolvê-las são transmitidas por gerações, e constituem uma espécie de marca familiar. Contudo, se a questão por algum motivo ficar obstaculizada, as gerações seguintes terão geralmente um bloqueio. Caso uma criança nasça com o objetivo de responder a uma questão familiar, ela terá nascido com uma missão, e seu destino ou história, portanto, já estará comprometido.

Safra (2004) diferencia também a natureza do sofrimento nas três situações: na missão, o sofrimento advém da impossibilidade de ser; no enigma, da memória do não-dito e do não vivido; na questão, do destinar-se.

Todos estamos ligados a nossos ancestrais, cujas imagens carregamos. Mantemos com eles, nossos modelos, uma relação afetuosa, com eles compartilhando a tradição familiar, que assim se perpetua e nos faz mais um elo de uma longa corrente. A herança das gerações, por meio de seus desejos, afetos, emoções, traumas, defesas e sintomas é o elemento fundamental da estrutura da psique e, quando a pessoa consegue se libertar do destino determinado pelo egocentrismo dos antecessores, alcança a consciência da questão e dela se apropria, passando a criar sua história pessoal.

Como analistas, ao lidarmos com essas heranças familiares, não podemos nos esquecer de que estamos trabalhando com a força dos arquétipos, que é inimaginável. Cada ser que nasce em uma família mudará o papel que cada um exercia antes: a mãe se transforma em avó, a filha em mãe, a fim de dar lugar para a nova criança que está surgindo. Não é à toa que tanto o nascimento como a morte são momentos de crise familiar, porque todos os papéis mudam e cada um precisa dar espaço para o novo.

As situações traumáticas não elaboradas também são claramente passadas para as gerações futuras, porque o processamento psíquico fica impossibilitado, tanto pela ausência de simbolização, como pelo bloqueio das imagens. Somente quando a pessoa consegue transformar o fato em imagem, em história, ela consegue falar sobre o mesmo e alinhavá-lo e, então, torna-se capaz de elaborá-lo e mudá-lo. Enquanto isso não acontece, o fato fica em estado bruto e é transmitido dessa forma para as gerações seguintes, até que alguém na família consiga compreender, simbolizar, reconciliar e, assim, modificar a história que será transmitida para os sucessores. Jung dizia que aquilo que os pais não resolvem em suas vidas deixam de herança para seus filhos, para que estes o resolvam.

No entanto, devemos ser gratos a essa continuidade de transmissão psíquica de uma geração para a outra, pois é através dela que a evolução do mundo acontece. Do contrário, cada pessoa que nascesse teria de reinventar totalmente sua maneira de viver, pois não traríamos conosco a força do inconsciente coletivo, que contém toda a sabedoria dos arquétipos, e que podemos ir acessando conforme vamos nos lapidando, nos interiorizando e nos transformando, a fim de transformarmos o mundo. Tal é o processo de individuação que Jung propõe: quanto mais individuada for uma pessoa, mais ela poderá contribuir para a individuação da humanidade. Primeiro é preciso que eliminemos nossa identificação com o coletivo, a fim de desenvolver nossa identidade própria. Só depois poderemos contribuir para a transformação dos outros, em uma proporção geométrica. O indivíduo precisa restabelecer a conexão entre seu “eu” e o Inconsciente, pois muitas vezes a conexão é rompida, ou não se estrutura devido à assimilação da negatividade transmitida pelas gerações anteriores.

É geralmente por meio da ascendência paterna que assimilamos os ideais e conceitos éticos e morais que norteiam nossas vidas. Já a ascendência materna, caso haja uma identificação entre mãe e filho desde a infância, refletir-se-á nos relacionamentos amorosos. Se estes forem positivos, ótimo; se forem negativos, contudo, o filho repetirá os mesmos problemas que a mãe. Por isso é importante que um indivíduo se liberte da identificação com as figuras parentais.

A transmissão psíquica entre gerações é comprovada cientificamente através de uma pesquisa feita por uma aluna de Jung, a Dra Fürst, que aplicou um método que consiste em associação de palavras, proposto por Jung. A íntegra da pesquisa e a descrição do método de associação de palavras encontra-se na obra Estudos Experimentais, Vol. II, do referido autor.

O método consiste em oferecer palavras ao sujeito da pesquisa e solicitar que ele faça analogias e associações. Através da ampliação simbólica dos dados fornecidos, o pesquisador pode compreender seu significado arquetípico, o qual é comum a toda a humanidade e preenchido pelos conteúdos individuais da experiência consciente.

Jung fez um uso criativo dos experimentos de associação de palavras, que eram parte de uma pesquisa pioneira realizada na clínica de Burghölzli, em Zurique, sob a égide de Eugen Bleüler. Jung aplicou a essas pesquisas o método interpretativo, formulando a teoria dos complexos, ao notar que as pessoas apresentam anomalias como maior tempo para reagir ao estímulo, ou ausência de reação a uma palavra que possui forte carga emocional, aglomerados de sentimentos e pensamentos incompatíveis com a atitude consciente. Qualquer experiência que toca um complexo provoca uma reação exagerada no indivíduo, podendo atuar no controle dos pensamentos e comportamentos.

Na pesquisa realizada pela Dra Fürst, as associações processaram-se de acordo com critérios lógicos lingüísticos, e descobriu-se que: 1) Os parentes tendem a mostrar uma concordância em tipos de reação; 2) os tipos de reação das crianças estão mais próximos dos da mãe do que dos do pai; 3) o casamento parece mudar o tipo de associação mais nas mulheres do que nos homens.

A semelhança de associações de sujeitos ligados freqüentemente é notável, como é ilustrado no caso de uma mãe e sua filha, que demonstra como as emoções doentias, compreensíveis, e que não são mais perigosas nos pais podem ser transmitidas à criança, em quem podem se tornar perigosas. As influências mais fortes sobre uma criança são os estados afetivos pessoais inconscientes de pais e professores. Outros casos mostram como as vidas e casamentos que se fundamentam em ligações demasiado intensas com os pais podem ser

inutilizados pelas neuroses, de forma que a criança permanece aprisionada em relacionamentos infantis. Um dos objetivos mais importantes da educação deveria ser o de libertar a criança em crescimento de sua ligação inconsciente com as influências de seu ambiente anterior, de modo que ela possa manter o que é valioso e rejeitar o que não é. A necessidade de pesquisa adicional sobre os processos emocionais das crianças, sobre os quais não se sabe bastante, é enfatizada. (JUNG, 1998:12 [1973]).

O tema da herança psíquica é rico e intenso. Cabe aqui uma reflexão dirigida ao analista ou psicoterapeuta, que sempre está sujeito ao inesperado, diante das imagens e dos fragmentos da história que cada paciente lhe traz. Ele precisará ter uma escuta atenta para perceber se o paciente está de fato vivendo sua vida, sua identidade própria, ou reconhecer o que está obscuro e, então, ajudar o analisando a discriminar o que lhe pertence e o que não lhe pertence, o que é sua legítima história ou pura repetição da história negativa de seus ancestrais. Desse modo, o analista o ajudará a recuperar a memória, colocando-a em uma narrativa, a fim de que a pessoa possa optar pelas heranças que ela quer que permaneçam em sua vida e o que precisa ser depurado, e transformado, por meio da tomada de consciência que irá mudar os hábitos gestuais do indivíduo e de seus descendentes.

Buscar o indizível, o inenarrável, o traumático, as mentiras, os segredos, as metáforas, as imagens, é uma forma de colocar um limite para a influência negativa das histórias de nossos ancestrais, e também um modo de desenvolver nossa gratidão pelas heranças construtivas que recebemos. Isso nos alicerça e nos traz o saudável sentimento de pertencer a uma história e a uma linhagem que fundamenta solidamente nossa psique.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CRAMER, B., Profissão bebê. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1993.
- JUNG, C. G., Chaves –Resumo das Obras Completas. São Paulo, Ed. Atheneu, 1998. (cf. JUNG, C. G., Obras Completas, vol II. Princeton University Press, 1973, Pp. 466-479).
- JUNG, C.G., Estudos experimentais. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1995.
- JUNG, C. G., Memórias, sonhos e reflexões. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1989.

KAES, R.; FAINBERG, H.; ENRIQUEZ, M.; BARANES, J. J., Transmissão da vida psíquica entre gerações. São Paulo, Ed. Casa do Psicólogo, 2001.

LINN, DENISE, Quatro passos do poder pessoal. São Paulo, Ed. Larousse, 2008.

MAZZARELLA, T. I., Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações. São Paulo, Ed. Escuta, 2006.

SAFRA, G., A po-ética na clínica contemporânea. Aparecida, Ed. Idéias & letras, 2004.

WINNICOTT, D., A família e o desenvolvimento individual. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1993.

*Autora: **Renata Whitaker Horschutz** - Psicóloga; analista Junguiana; membro da AJB (Associação Junguiana do Brasil); membro do IJUSP (Instituto Junguiano de São Paulo), membro da IAAP (International Association for Analytical Psychology), membro da ISST (International Society for Sandplay Therapy), especialista em atendimento infantil.*